

TRADUÇÃO

A presencialidade de Hölderlin

Die Gegenwärtigkeit Hölderlins

Hans-Georg Gadamer

Tradutora

Natália Acurcio Cardoso

Universidade de São Paulo – USP/FAPESP¹

259

INTRODUÇÃO

A versão original do ensaio *A presencialidade de Hölderlin*,² de Hans-Georg Gadamer, encontra-se no volume 9 das suas obras completas, que se chama *Estética e Poética II – Hermenêutica em Execução*. No prólogo da presente edição, Gadamer ressalta que a preocupação desse volume não é de tratar a poesia como o sujeito de uma abordagem científica ou teórica, mas sim de executar uma espécie de entrada no poético, naquilo que é a sua prática. Gadamer afirma que a poesia é capaz de se tornar parceira de uma conversa reflexiva (*nachdenklichen Gesprächs*), e ele se coloca à serviço de tal execução neste volume. A necessidade disso e o seu real significado requer uma justificativa filosófica, que segundo ele está presente no volume 8 das suas obras completas.

A princípio poderíamos pensar que Gadamer está simplesmente realizando uma separação categórica entre teoria e prática, como se uma fosse totalmente independente da outra, ao ponto de poderem ser separadas de forma tão explícita. Mas esse não parece ser o caso, já que o autor afirma que está convencido da existência de linhas peculiares *indo e vindo* entre a linguagem filosófica e a linguagem poética. Ou seja, não se trata apenas de dizer que elas se cruzam, mas sim de que há linhas que tocam essas duas manifestações e que criam

¹ E-mail: acurcio.natalia@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6743-2826>

² GADAMER, H. G. Die Gegenwärtigkeit Hölderlins. In: *Gesammelte Werke 9. Ästhetik und Poetik* - 2. Hermeneutik im Vollzug. Tübingen: Mohr, 1983.

Tradutora

Natália Acurcio Cardoso

Toledo, v. 5, n° 1 (2022) p. 259-263

sons harmônicos. Porém, isso não muda o fato de que, para Gadamer, esse *participar* (*teilhaben*) da poesia seja algo outro do que a sua investigação científica.

Entendo que o autor está defendendo que para que a efetivação dessa participação ocorra é necessária a presença do próprio leitor de poesia, que não coincide, necessariamente, com o teórico. Há qualquer coisa na vida ou no exercício do poético que escapa das tentativas de apreensão pela ciência, independente do quanto ela tente capturar a sua alma. Segundo Gadamer, quando se trata de participar da poesia, o leitor é soberano, porque é como se em todo texto sempre existisse lacunas de conhecimento que a ciência nunca vai conseguir completar. Então parece implícita aqui uma tarefa do leitor, que tenta estabelecer um diálogo reflexivo mesmo diante desses buracos da linguagem, em busca de um sentido que não pode ser dado pelo saber científico. Tudo se passa como se Gadamer também sugerisse uma espécie de libertação da poesia dos seus olhares mais rígidos, porque há algo do *exercício poético* que transcende o *compreender científico*, e com isso a poesia pode nos atingir independente da nossa formação acadêmica.

Acredito que isso que Gadamer está nos dizendo fique ainda mais claro nesse ensaio aqui traduzido, já que a presença de Hölderlin em nós tem uma relação fundamental com a possibilidade de podermos acompanhá-lo em uma incessante procura do dizer por meio das palavras, mesmo sabendo que há algo de impossível nessa tarefa. Esse balbuciar de Hölderlin, que é um sofrimento para conseguir expressar o que ele anseia, pode se contagiar entre nós, como se sempre estivéssemos tentando expandir o que foi um limite no outro. E, assim, mais uma vez balbuciamos, nesse esforço da busca da melhor expressão, que por mais que nos cause desespero pela sua incompletude, cria ruídos em dissonância com o barulho daquilo que é mais ordinário.

A PRESENCIALIDADE DE HÖLDERLIN³

Quando eu li os primeiros versos de Hölderlin, era ainda uma edição de Marie Joachimi-Dege, na qual encontram-se apenas poucos dos poemas tardios na íntegra – eu sequer sabia se “Pão e vinho” estava incluído em sua versão completa. É sabido que apenas a primeira estrofe desse grande poema foi dada a conhecer ao público pelos românticos.

O grande acontecimento, a partir do qual para mim e para outros foi apresentado um novo Hölderlin, foi a edição hellingratiana dos poemas tardios, que apareceu impressa em 1916 e foi concluída antes da eclosão da guerra de 1914 no manuscrito de Hellingrath.

É sabido que o poeta Stefan George anunciou em uma breve menção, justificadamente famosa e memorável, a descoberta desse poeta ainda oculto para nós, e que foi justamente o deciframento hellingratiano e o despertar das obras dos hinos (*Hymnenwerks*) que permitiram ao poeta anunciar essa novidade.

Mas foi mais do que um círculo de amigos iniciados de um poeta do estatuto de Stefan George que permitiu essa súbita presença (*Gegenwart*) de um novo e grande poeta. As pessoas também se perguntam, e todos nós nos perguntamos, nós, os mais velhos, que por um longo tempo vivemos os ecos das batidas das ondas

³ Agradeço ao professor Marco Aurélio Werle pela gentil revisão da presente tradução e ao colega Reginaldo Raposo por suas importantes sugestões.

(*Wellenschläge des Echos*) dessa poesia, e os mais jovens certamente se perguntam, como esse pensativo ruído da rebentação (*Brandungsgeräusch*) vai ressoar no nosso estrondo industrial e técnico ou se é silenciado. Então, certamente, estamos todos nós coletivamente colocados diante da seguinte pergunta: O que ao lado da respiração ardente do *pathos* da liberdade schilleriana e sua retórica poética, e ao lado da serenidade do gênio poético de Goethe, que é sempre e para todos nós inapreensível – o que elevou esse terceiro grande poeta de língua alemã quase no mesmo nível de presencialidade (*Gegenwärtigkeit*)? O que é tão diferente, que permite a alguém dizer que foi atingido por Hölderlin? O que nós encontramos nesse poeta do estreito da Suábia – o que é isso que o distingue, como alguém recém chegado da minha terra e de nós, todo alemão e europeu, de todo francês, inglês, americano e, além disso, do mundo linguístico italiano e espanhol? – E eu não sei o quão longe isso se estende para além das línguas que eu mesmo sou capaz de ler. O que é isso, que faz com que por todos os lados Hölderlin possa surgir como um poeta do nosso século?

Quando eu coloco essa pergunta, então eu penso poder dizer que aqui está em jogo um segredo da palavra, que nós podemos chamar de sofrimento à procura da expressão. Nenhum outro dos nossos grandes poetas procurou quase sempre balbuciar a palavra e repetidamente interrompeu, em desespero, sua busca. Ninguém mais de todos os nossos poetas penetrou desse modo na incapacidade, na impossibilidade do dizer, de dizer o que ele tinha em mente. Talvez isso seja, na palavra desse poeta, também o espírito do tempo que tocou profundamente a todos nós, nos anos após a primeira Guerra Mundial, aquela época que terminou tão infeliz para a história alemã. Foi a época em que, na verdade, também em outras esferas a arte não podia mais acompanhar a herança das formas e dos estilos de composição exercidas até então, mas tentou, pressionada, intensificada, deformada e sempre muito obcecada com a sua própria exigência da expressão, incansavelmente novas configurações. Então, parece que isso, muito antes de as coisas terem chegado ao crepúsculo através de uma instrumentalização política desse cultivo de Hölderlin, está relacionado com o fato de que todos leram Hölderlin, refletiram sobre Hölderlin como sobre alguém que pertenceu a nós mesmos muito além dos nossos poetas clássicos de tempos longínquos. Para Rilke, Trakl, para Gottfried Benn, para todos os que viriam – eu não ousou indicar em geral os nomes mais recentes –, era uma obviedade ouvir esse modo de poetizar (*Dichtweise*), esse modo de um poeta (*Weise eines Dichters*) que não era um modo familiar, que, por assim dizer, não entoava um som herdado e desenvolvido, e sim sua própria incapacidade pressionada procura, para sempre, comprimir na palavra novas visões – e disso é capaz.

Ele foi para nós o precursor da descoberta do dionisíaco, de Nietzsche, no subsolo da serenidade Apolínea da cultura Grega. Nesse sentido, ele foi para nós uma constante, exigente missão, que caminhou conosco. Mesmo assim ele não foi uma constante figura de referência. Eu falei do ritmo das batidas das ondas, em que a poesia de Hölderlin atinge a todos nós. A fase do Hipérion, por exemplo, teve um

impacto muito diferente sobre nós, ou quão peculiar era nossa oscilação entre os proféticos hinos sonoros ou pelo sereno e mais uma vez diante das ousadas formas destroçadas, nas quais o nível antigo de rigor sobre a expressão de Hölderlin forçou e pressionou os anseios. Nas últimas décadas, até mesmo os poemas da época mais recente, a época do anoitecimento (*Umnachtung*⁴), tal como as pessoas a chamaram e como ela pode ser chamada, puderam alcançar uma nova – eu não sei de que tipo – presencialidade, como o desvanecer de uma alma exausta e pressionada em harmonias (*Einklänge*) incomparáveis da natureza e da alma, no ritmo das estações do ano, no ritmo dos anos da vida – reflexos mútuos em ressonância, nos quais a harmonia da natureza e do ser humano se torna reconhecível novamente para nós, mesmo em um ambiente deformado pela obstinação de nossa civilização técnica. É justamente a diversidade dessas rupturas, com as quais a obra de Hölderlin nos fala, a qual, para quem tem ouvido poético, ainda tem força para a sua presencialidade.

Como filósofo, naturalmente eu teria ainda muito a dizer sobre o novo significado que Hölderlin ganhou para a nossa compreensão da época entre o clássico e o romântico. Entretanto, nos comoveu de diferentes maneiras nos anos vinte o que frequentemente está em todas as bocas: Hölderlin, o Jacobino. Por volta de 1933 eu trabalhei num importante trabalho sobre a Revolução Francesa e seus efeitos sobre a cultura alemã. Uma vez que decidi ficar na Alemanha, abandonei novamente o tema. Mas existiam trabalhos preparatórios e as pessoas sabiam muito sobre esse assunto. Entretanto, através de outros, sobretudo através de Bertaux⁵, ele se tornou generalizado nos debates⁶.

Ora, alguma coisa dessa presença (*Präsenz*) de Hölderlin, vinda de relações muito estreitas e mesmo assim “beijada pela linguagem”, provavelmente vale para todos nós. O que para ele foi o dizer, talvez seja a forma originária do dizer em geral. Dizer é a procura da palavra. Encontrar a palavra é, aparentemente, sempre uma limitação. Quem realmente quer falar com alguém, o faz em busca das palavras, porque pensa na infinidade do que não se consegue dizer – e precisamente por não se conseguir, começa a ressoar em outra pessoa. Alguma coisa dessa sabedoria do balbuciar e silenciar talvez deva ser a herança futura da nossa cultura espiritual para as gerações que estão por vir. Já se pode ver como a forma atual da poesia se tornou hermética. Nem é preciso se surpreender pelo fato de que nenhum grande eco da poesia se dê entre o público, tampouco deve se surpreender que aqueles que

⁴ Literalmente *anoitecimento*. A noite [*Nacht*] seria o símbolo da devastação interior, da escuridão que tomou conta da alma, e por isso podemos ver esse termo também ser traduzido por *loucura*, *demência* ou *confusão mental*. Frequentemente é associado a Hölderlin, já que ele teve um período de tormento psicológico bastante intenso. Também está presente no título do poema em prosa *Traum und Umnachtung*, do poeta Trakl, citado aqui por Gadamer. (N. T.)

⁵ BERTAUX, Pierre. Hölderlin und die Französische Revolution. 2. Ed. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1970. (N. T.)

⁶ “Dos anos cinquenta a setenta, nos círculos literários franceses, os pesquisadores Geneviève Bianquis, Maurice Delorme e Pierre Bertaux analisaram a composição literária hölderliniana na mesma linha de Lukács. Sobretudo o livro de Pierre Bertaux, *Hölderlin e a Revolução Francesa*, levantou intensa celeuma entre os pesquisadores alemães e estes prosseguiram a análise do escritor, em especial da tragédia, sob o prisma histórico e sociológico nos anos setenta e oitenta.” CURIONI, Marise Moassab. Sobre o Empédocles de Hölderlin. In HÖLDERLIN, Friedrich. A morte de Empédocles. São Paulo: Iluminaras, 2020., p.19. (N. T.)

consideram a palavra da poesia um elemento imprescindível da vida não triunfem mais alegres e descontraídos pela posse de uma herança poética, mas olhem eles mesmos, comprimidos e balbuciantes, para dentro do nosso mundo e para o nosso futuro. A sabedoria do balbuciar e do silenciar trazem a presencialidade desse recém descoberto Hölderlin.

REFERÊNCIAS

- BERTAUX, P. *Hölderlin und die Französische Revolution*. 2. Ed. Frankfurt/M: Suhrkamp, 1970;
CURIONI, M. M. Sobre o Empédocles de Hölderlin. In: HÖLDERLIN, *Friedrich. A morte de Empédocles*. São Paulo: Iluminaras, 2020;
GADAMER, H. G. Die Gegenwärtigkeit Hölderlins. In: *Gesammelte Werke 9. Ästhetik und Poetik- 2. Hermeneutik im Vollzug*. Tübingen: Mohr, 1983.

Submetido: 12 de setembro de 2021

Aceito: 12 de outubro 2021